

Investigação e Educação Ambiental - uma abordagem centrada nos processos de construção cultural da natureza

Maria Lúcia Castagna Wortmann*

Mais do que uma apresentação das direções que têm sido imprimidas aos diferentes programas em desenvolvimento sobre Educação Ambiental no Rio Grande do Sul vou me ater a apresentar, neste texto, a forma de abordagem investigativa da *natureza*, que temos¹ assumido e que atenta para o modo como ela tem sido produzida discursivamente em diferentes práticas, instâncias, produtos e instituições culturais.

Detenho-me, inicialmente, em alguns conceitos que são centrais aos estudos que vimos desenvolvendo e, passo, após, a apresentar, brevemente, alguns desses estudos, tentando, ao mesmo tempo, indicar em que sentido esses trabalhos nos parecem ser produtivos para a Educação Ambiental.

Começo, então, apontando o papel central que a *cultura* tem no estabelecimento das configurações sociais, especialmente no processo que Stuart Hall² (1997) denomina *virada cultural* (que ele associa à *virada lingüística*), e em explicitar o significado que atribuímos ao termo *representação* e à expressão *pedagogias culturais*.

A *centralidade da cultura*, expressão utilizada por Hall (1997), marca a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, mediando tudo que nela acontece; sublinha, também, que a *cultura* está no “coração” da vida social de forma intensa, na medida em que meios de comunicação de massa, cada vez mais diversificados e sofisticados, fazem os *significados* circular em uma escala de abrangência, e com

uma rapidez, nunca anteriormente alcançada. A *centralidade* da *cultura* tem ainda a ver, como salienta Hall (op.cit.), com a *virada cultural*, iniciada com uma revolução de atitudes em relação à linguagem – a *virada lingüística* –, que implicou a atribuição de uma posição privilegiada à cultura nos processos de construção e de circulação dos significados e na vida social como um todo. Nessa acepção, as linguagens não servem apenas ao relato de “fatos”, mas considera-se que elas atuam na construção desses “fatos”, sendo elas também tomadas como os meios através dos quais se dá sentido às coisas, produzem-se significados e se processam intercâmbios. É, então, nesse sentido, que as linguagens são centrais para o significado e para a cultura, por serem o repositório chave de valores e por darem sustentação aos diálogos, permitindo a construção de entendimentos partilhados, que possibilitam aos sujeitos interpretar o mundo de maneira mais ou menos parecida.

Nessa acepção, o termo *cultura* não abrange, apenas, “um conjunto de *coisas* — romances, pinturas, obras literárias, textos científicos, moda, produtos regionais, programas de TV, ou revistas em quadrinhos — mas processos e um conjunto de práticas” (Hall, 1997, p.3), das quais decorre a produção e o intercâmbio de significados (o atribuir e ‘receber’ significados) entre os membros de uma sociedade ou de um grupo de sujeitos. Ou seja, cultura tem a ver com “significados partilhados”, significados esses, que organizam e regulam as práticas sociais, influenciando condutas e tendo efeitos ‘reais’ e práticos sobre elas. Como os seres humanos utilizam variados sistemas de significados para definir o “sentido” das coisas e para codificar, organizar e regular suas condutas uns em relação aos outros, como também refere Hall (op.cit.), são os sistemas de códigos que decorrem dessas ações que a elas dão sentido e que permitem a interpretação das ações alheias; finalmente, são eles que, em seu conjunto, constituem as nossas culturas. As *linguagens* funcionam, então, como *sistemas de representação* que utilizam sinais e símbolos - sons, palavras escritas, imagens produzidas eletronicamente, notas musicais e até objetos. Elas são os “meios” através dos quais os elementos culturais

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenadora do Grupo de Estudos sobre Educação e Ciência como Culturas – linha de pesquisa “Estudos Culturais em Educação”, no mesmo Programa.

¹ Refiro-me ao Grupo de Estudos de Educação e Ciência como Cultura (GEECC) vinculado à linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, integrado pelos professores e professoras: Daniela Ripoll, Luis Henrique Sacchi Santos, Maira Ferreira, Eunice Aita Isaia Kindel, Maria Luisa Merino Xavier, Marise Basso Amaral, Ângela Bicca, Miriam Dazzi, Maria Cecília Braun, Leandro Guimarães, Fátima Pilotto, Ingrid Strelow-Lima e Jocinete das Graças Figueiredo.

² Stuart Hall foi um dos influentes diretores do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham durante a década de oitenta e um dos autores a que temos recorrido com bastante frequência para desenvolvermos nossos estudos.

são *representados* e é por isso, que a *representação* através das linguagens é central para os processos de produção dos significados. Como destaca Hall (1997), “o significado surge não das “coisas em si” – daquilo que é referido como a ‘realidade’ – nem das interpretações que os sujeitos pretendem atribuir a essas “coisas”, mas a partir dos jogos de linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas estão inseridas e, disso decorre, que fatos classificados como “naturais” passem, também, a ser considerados, nessa abordagem, como fenômenos discursivos. Já as *representações*³ não constituem “um campo passivo de mero registro ou expressão de significados existentes” (ib., p.47): elas atuam na constituição das identidades dos sujeitos e dos grupos sociais. Ou seja, identidade e representação estão intimamente vinculadas porque “a identidade é ativamente produzida na e por meio da representação” (ib.).

É preciso, então, salientar que tais compreensões nos levaram a ampliar o espectro do que vínhamos considerando como fazendo parte da esfera cultural (as diferentes práticas do cotidiano, ou de instituições, que a aceitação não contestada da dicotomização cultura erudita x popular nos impedia de enxergar) e, também, a entender o poder explicativo de nossos estudos, ao nos incitar a transitar nos meandros e nas redes em que se institui, e onde circula, dinamicamente, o saber/poder⁴. É nesse quadro referencial, que passou a nos interessar olhar, especial e atentamente, para diferentes *produções culturais* e para aquilo que elas ensinam. E, mais, que passamos a considerar tais produções como *pedagogias culturais*, ou seja, como formas de conhecimento e de saber que, como refere Tomaz Tadeu Silva (1996), “estão na realidade, moldando e formando novas formas de existência e sociabilidade”.

³ Utilizamos esse termo segundo o modo construcionista de lidar com a representação, no qual, segundo Hall (1997), “as coisas não significam, constroem-se o seu significado pela utilização de sistemas de representação” (p.25).

⁴ Estou aqui me referindo a uma compreensão de poder/saber, na qual o poder é visto, não apenas como pesando sobre os indivíduos como uma força que se exerce em uma única e inexorável direção – de cima para baixo, emanando, por exemplo, ou de ações do Estado, ou das grandes corporações ou, ainda da Mídia e de outras instituições similares importantes na contemporaneidade - impedindo-os de agir, mas como sendo capaz de “produzir coisas, induzir prazer, produzir formas de conhecimento e discursos, apanhando a todos nós em seu círculo” tal como também afirma Hall (1997, p.4) ao explicar o que é o poder para Foucault.

Passamos a lidar, então, com as *representações* (culturais)⁵ presentes em tais pedagogias, considerando, tal como Silva (1999), que essas não contêm significados “diretos” e “transparentes”, que a elas se colem indelevelmente e que, tampouco, elas podem ser tomadas como imagens que espelham a “realidade”. Conforme Hall (1997), os significados não permanecem intatos em sua passagem pela *representação*; eles mudam e se adaptam conforme o contexto, as circunstâncias históricas e o uso que deles se faz, adiando sempre o seu encontro com a “verdade absoluta”, o que equivale a dizer que o significado está sendo sempre negociado e infletido nas práticas sociais para ressoar em novas situações. Parece-me que são essas condições que apontam para a importância de transitar-se, quando da realização de investigações, nos diferentes circuitos de significação presentes nas culturas, para neles buscar encontrar os também diferentes significados que têm sido atribuídos aos temas e questões que estudamos e, que no caso a que vou me ater neste texto, dizem respeito à natureza, pois como salienta Hall (op.cit), a instituição de significados se dá nos diferentes momentos ou práticas do que ele denomina *circuito da cultura* - na construção da identidade e na delimitação da diferença, na produção e no consumo, bem como na regulação das condutas sociais.

É nessa direção, que estamos desenvolvendo uma série de dissertações de mestrado e de teses de doutorado, que focalizam a produção e a circulação de *representações de natureza* em produções culturais como as propagandas, os textos das revistas semanais de notícias, os filmes infantis, os programas e projetos “educativos” organizados por uma empresa petroquímica e, também, em documentos antigos, tais como os relatos dos viajantes-naturalistas, que percorreram o Rio Grande do Sul no século XIX, ou as histórias narradas sobre a chegada dos imigrantes alemães à região atualmente denominada Vale do Rio dos Sinos, também no Rio Grande do Sul.

Em todos esses estudos buscamos encontrar o que é “dito” sobre a natureza nessas produções culturais, não

⁵ Em outras vertentes de estudos utiliza-se, com frequência o que Hall denomina de modo reflexivo de lidar com a representação. Nesse modo, *pensa-se que o significado encontra-se no objeto, pessoa, idéia ou evento do mundo real e que a linguagem funciona como um espelho para refletir o significado que os mesmos têm por já existirem no mundo* (Hall, 1997p. 25). Não é esta a compreensão que estamos assumindo sobre representação neste trabalho.

para simplesmente mapear esses “ditos”, mas por entender que, dessa forma, se constitui discursivamente a natureza e se instauram “práticas” relativas aos modos de com ela lidar.

Detenho-me, agora, um pouco mais, na apresentação de alguns desses estudos para esclarecer um pouco melhor as direções que nossas investigações têm seguido.

Um desses trabalhos é a dissertação da professora Marise Basso Amaral (1997), que examinou as *representações* de natureza no discurso publicitário. Essa autora destacou o quanto a época que vivemos é marcada por uma cultura fotocêntrica, auditiva e televisual e como nesse contexto os sons eletronicamente produzidos e a proliferação constante de imagens servem como uma forma de *catecismo da mídia*, como uma espécie de *pedagogia perpétua*, através da qual aprendemos a codificar comportamentos e valores, reproduzindo e naturalizando significados e *representações*, que acabam por organizar de forma bastante decisiva nossa vida cotidiana. Amaral (ib.) também destaca, que as imagens publicitárias, em suas complexas redes de representações, constroem, não apenas o desejo de comprar determinado produto (e alguns poderiam considerar ser apenas esse o seu “efeito”), mas, paralelamente, a ele, uma idéia de mundo, visões do que é ter sucesso, do que é ser livre, de quem manda e de quem obedece, do que é felicidade etc.

Sobre o tema *natureza*, que interessa a nossa discussão, a autora aponta, não só a frequência com que as mídias utilizam suas imagens (fotografias de ambientes bucólicos, ou agrestes, ou de florestas tropicais e densas, de quedas d’água, de agrupamentos humanos, etc), suas cores e sons (cantos de pássaros, coaxar de sapos, barulho do vento e da água, ruídos das grandes cidades, etc) como sistema de referência em peças publicitárias destinadas a vender os mais diferentes produtos – shampoos, cremes, inseticidas, cigarros, automóveis, televisores, whisky, pneus, calçados, leite e, até, educação?, associando a esses produtos valores simbólicos como saúde, beleza, naturalidade, liberdade e aventura. A autora destaca como nessas situações se constroem formas de ver, compreender e de posicionar-se frente à *natureza*. Uma dessas formas opõe *natureza* e *cultura* ao vincular a *natureza* ao *primitivo*, à ausência de bens industrializados e a *cultura*, ao emprego das tecnologias, à urbanização e a presença de humanos. Também são frequentes os anúncios

que promovem a *recriação*, ou a *superação* do que é definido como *natural* e próprio à *natureza* e, geralmente, é a evocação à tecnologia que opera esse “efeito”⁶. Assim, são frequentes os anúncios de carros mostrados como capazes de vencer as agruras dos desertos e de outras regiões inóspitas, ou dos grupos humanos que se diferenciam de outros animais pelas roupas e calçados que os adornam. Noutras propagandas, as *representações* de *natureza* são vinculadas à saúde e à beleza (e por incrível que possa parecer isso é particularmente comum nas propagandas de cigarros, embora seja igualmente presente em propagandas de *shampoos*, de cremes hidratantes etc), sendo recorrente, em quase todas elas, a evocação a visões antropocêntricas e utilitaristas de natureza, as quais são também frequentes no currículo escolar.

Na investigação realizada por Ingrid Strelow-Lima (2001), o foco foi o *Ecoturismo* e a forma como as revistas de notícias⁷, ou as que tratam especificamente dessa prática ou do turismo⁸, o tem configurado. A autora aponta as referências frequentes ao *Ecoturismo* como o “modo correto de interagir com a natureza”, pois nessa prática há regras a serem seguidas e procedimentos a serem adotados ficando, dessa forma, as interferências humanas mais restritas e disciplinadas. Os textos das revistas, também falam, com frequência, que o *Ecoturismo* permitiria o reencontro do homem com a natureza, ação da qual decorreria o alcance de um subseqüente bem estar físico e mental para os humanos. Disso também decorreria o reestabelecimento do equilíbrio homem-natureza, posto que essa prática pode se constituir em um efetivo modo de conscientização das pessoas para as questões ambientais. Porém, como assinala a autora (ib.), no *Ecoturismo* a natureza é, ao mesmo tempo, um produto e uma experiência, o que a levou a considerar tal prática como atravessada por inúmeras contradições. Entre as

⁶ Em um dos anúncios publicitários do inseticida *Baygon*, por exemplo, esse é focalizado em uma seqüência de fotos, paralelamente a um camaleão. O anúncio conforma o inseticida, ao mesmo tempo, como igual e diferente ao camaleão – ambos atuam sobre os insetos –, mas *Baygon* supera o camaleão, porque a sua eficiência pode ser graduada: há um produto que pode ser usado no dia a dia, para manter a casa limpa (e nesse sentido os insetos são “sujeira”) e outro a ser usado em situações mais críticas. Em outro anúncio, destaca-se que o novo pneu da *Goodyear* tem *AqcuChannel*, um sistema de ranhuras que incorpora e reproduz (com vantagem) sistemas “naturais” de escoamento das águas na natureza e lá estão sobrepostas as fotografias de um vale cortado por um extenso rio que corre em um leito de pedras e a do pneu que incorpora essa solução da natureza.

⁷ Entre estas *Veja*, *Isto É*, *Exame*.

⁸ *Horizonte Geográfico*, *Aventura*, *os Caminhos da Terra*, *Turismo*, *Icaro Brasil*, *Família*, *aventura e ecoturismo*.

mais intrigantes está o modo como o consumo a ela se adere – há roupas, calçados, utensílios, cremes e meios de transporte definidos como adequados e até necessários à realização dessa prática – e a como se processam exclusões através dela, posto que há corpos considerados incompatíveis com a execução de procedimentos associados ao *Ecoturismo*, notadamente quando esse se vincula a certos esportes mais radicais como montanhismo, canoagem, caminhadas no interior de cavernas, entre outras. Como ressalta Strelow-Lima (ib.) o *Ecoturismo* promove, ainda, outras diferenciações, posto que define alguns sujeitos como mais habilitados a lidar com a natureza do que outros (os que detém o conhecimento científico sobre a natureza, por exemplo, ou os esportistas, os que conhecem as trilhas etc), podendo-se dizer que os ecoturistas não são turistas quaisquer, porque buscam conhecimento, saúde, tranquilidade, interação com a natureza, ou um tipo especial de aventura.

Enfim, como a autora (ib.) afirma, apesar de definido como “politicamente correto”, também o Ecoturismo não é uma atividade para todos!

A professora Eunice Isaia Kindel está desenvolvendo uma tese de doutorado, na qual está se dedicando a estudar os filmes infantis de *Walt Disney Corporation*, que ela caracteriza como instâncias educativas, que ensinam sobre as relações entre os seres da natureza (filme *Vida de Inseto*), sobre quem é uma “verdadeira” mulher (*Pocahontas*), sobre quem reina e quem é servo (os animais do filme *Rei Leão*) ou, ainda, sobre como são os latino-americanos (representados por gafanhotos no filme *Vida de Inseto*).

A autora tem-se perguntado sobre os efeitos constitutivos que as representações contidas nesses desenhos animados têm sobre as crianças, posto que: a bruxa do filme *A pequena Sereia* é gorda; o rei mau do filme *Rei Leão* é mais escuro do que o bom; e a personagem Pocahontas, do filme de mesmo nome, tem um corpo perfeito, é magra, branca e graciosa. Para a autora, não podem passar “impunes”, a um olhar mais atento, o modo como esses personagens carregam de forma negativa uma representação da diferença, seja ela de gênero, de raça ou de etnia. Como refere Silva (1999, p. 87) “são as relações de poder que fazem com que a “diferença” adquira um sinal e que o “diferente” seja avaliado negativamente relativamente ao “não-diferente” e, então, a autora destaca que, por tratarem esses filmes, em sua maioria, de ques-

tões relativas à natureza, e por essas diferenças estarem embutidas em personagens não-humanos (animais e plantas, por exemplo) a tal ponto, e de uma forma tão sutil, em muitos momentos não é possível ter-se um olhar mais crítico sobre as suas cenas. Kindel (op.cit) tem conduzido suas análises a partir de questões, que lhe parecem ser pertinentes, quando se analisa um filme desse tipo na perspectiva dos *Estudos Culturais*⁹, perspectiva para a qual não interessa saber se o produtor do desenho animado foi ou não preconceituoso ao relacionar animais, que classifica como “indolentes” com povos latino-americanos como ocorre, por exemplo, no filme *Vida de Inseto*. A autora destaca que o que lhe interessa é a própria cena e os efeitos que ela produz nos sujeitos.

Já a professora Maira Ferreira (2001) lidou, em sua dissertação de mestrado, com uma instância cultural bastante diferenciada das três referidas até aqui - uma indústria petroquímica – para ver como lá foram construídas em seus projetos e programas¹⁰ voltados à escola, práticas direcionadas à educação ambiental na associação com outras que dizem respeito, por exemplo, à defesa da soberania nacional e ao desenvolvimento tecnológico.

Ferreira (ib.) destaca a importância atribuída ao que ela chama de o *discurso ecológico*¹¹ nesses projetos, nos quais a *natureza* é evocada nas capas e nos textos de todos os programas organizados por essa indústria, nos textos de apresentação de seus produtos à população e nas suas propagandas comerciais. A autora (op.cit.) ressalta como a Empresa se institui nesses textos (e também através das muitas outras ações que empreende) como competente para lidar com o conhecimento científico, para falar sobre o desenvolvimento tecnológico do país e para

⁹ Todos os estudos que temos conduzido são inspirados nessa perspectiva teórica.

¹⁰ Durante muitos anos essa Empresa manteve um programa de visitas às suas instalações para o qual eram convidados alunos e professores das escolas. Além desse programa, a Empresa desenvolve outro, no qual seus técnicos se deslocam às escolas para apresentarem vídeos e prestarem informações sobre a fabricação e refino do petróleo. Além disso, essa Empresa engajou-se em projetos ambientais, como o projeto “Mutirão do Rio dos Sinos” no Rio Grande do Sul, um projeto de manutenção do equilíbrio ecológico das áreas circunvizinhas à Refinaria e, outros mais, como o projeto “Aceleração da aprendizagem”. A Empresa produz filmes, jornais e panfletos que são distribuídos à população em geral e que são levados aos professores e estudantes através dos projetos referidos. Além disso, a Empresa desenvolveu um programa de produção de óleo diesel, que recebeu o prêmio “Expressão da Ecologia” em 1991.

¹¹ A autora inspirou-se nas teorizações feitas por Michel Foucault sobre discurso e poder na realização desse seu estudo.

“cuidar” e “defender” o meio ambiente (e dessa forma ela estaria cumprindo com suas responsabilidades sociais), apesar de ter sido a causadora, nos últimos anos, de muitos problemas ambientais. Também é interessante destacar que nesses textos, com frequência, a Empresa refere os procedimentos que adota em seu parque industrial para evitar a contaminação do ambiente, referindo o quanto é importante atentar-se para o tratamento das águas e do ar, bem como manter-se em equilíbrio as diferentes espécies de plantas e animais. A autora (ib.) ressalta como essas ações correspondem a estratégias de preservação da própria Empresa, uma estatal a todo momento ameaçada de privatização, e como em seu “discurso preservacionista” se cruzam outros discursos - políticos, econômicos, nacionalistas e educativos.

A professora Maria Cecília Braun (1999) realizou uma investigação em textos antigos destinados a professores católicos e protestantes, que atuavam nas escolas do atual Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, na época (no século XIX e início do século XX) em que se processava a ambientação dos colonos/colonizadores alemães e de seus descendentes nessa região. Ela se ocupou com a análise das representações de ambiente que circularam nesses documentos, para discutir como elas, além de configurarem os sujeitos de etnia alemã como trabalhadores exemplares, definiram como adequadas ações e posições por eles assumidas frente ao ambiente/natureza. Em tais documentos, as matas são qualificadas de “inóspitas” e o solo é referido como não produtivo, mesmo que, paradoxalmente, seja ressaltada a exuberância das matas que nele crescem. Ao mesmo tempo, é muitas vezes enfatizado, que o sucesso alcançado por esses/as trabalhadores/as em seu empreendimento colonizador decorreu da substituição das florestas por áreas de cultivo, que se transformaram, posteriormente, em celeiros de produtos comercializáveis. Isso é, esses “novos” habitantes das terras¹² - gente branca e industrial, tanto na agricultura como nas artes¹³ - introduziram, durante esse processo de ocupação, modos de ser e de se relacionarem com o ambiente natural, adotando formas de produção semelhantes as que conheciam nas sociedades capitalis-

tas então emergentes na Europa. Legitimaram, por exemplo, a prática do desmatamento, considerada uma intervenção proveitosa e necessária sob o ponto de vista econômico e, também lucrativa e embelezadora, na medida em que as novas plantações não apenas incluíam espécies necessárias ao sustento desses sujeitos, mas reproduziam paisagens típicas da Europa, por serem reconhecidos como detentores de uma cultura mais aprimorada. E foi em decorrência disso, que a abundante floresta de excelentes madeiras para a construção, recebeu um manejo bastante devastador.

Nas narrativas desses colonos e, também, nas dos viajantes europeus que andaram pelo sul do Brasil na mesma época, as matas eram representadas como um lugar terrível – sombrio, assolado por feras e, ao mesmo tempo, inculto (nelas não se fazia sentir a ação do homem), deserto e desabitado (posto que lá viviam apenas animais e plantas, ou homens pertencentes a etnias inferiores) – representações afirmadas/reafirmadas, ainda hoje, em muitos discursos laudatórios à colonização. Como a autora ressalta, uma tal compreensão justificava, naquele momento e situação, qualquer ação que visasse a transformação do que estava em estado bruto em objetos manufaturados que, posteriormente, foram industrializados. Enfim, como ela também destaca, era o barulho das serrarias, e não os sons produzidos nas florestas, que provia paz e segurança aos “civilizados”; e era dele que dependia o alcance de uma situação econômica e de um conforto material semelhante ao desfrutado por alguns compatriotas na bela e organizada Europa.

Maria Cecília assinala, que suas análises não visam imputar qualquer tipo de generalização, que demarque hábitos e condutas dos grupos étnicos envolvidos nesse processo colonizador. Sua intenção não foi atribuir aos imigrantes alemães e a seus descendentes uma maior afeição pelas ferramentas do desbravamento — o machado, o facão e o fogo — do que sensibilidade para reconhecer a importância das florestas, principalmente das matas ciliares, nem tampouco, marcar as culturas indígenas como detentoras de um maior respeito e amor à natureza. O que lhe interessou foi destacar, tal como os outros trabalhos que aqui estão sendo referidos, que posturas, ações e práticas se instituem a partir de códigos culturalmente estabelecidos, sendo então isso, o que deve ser buscado, registrado e discutido a partir das investigações. Assim, então, se hoje se considera como problemas ambientais o desmatamento, as queimadas, a substituição de espécies

¹² Esses colonos europeus, brancos e cristãos, que vieram para essas terras, atendendo a chamamento feito pelo Governo Imperial Brasileiro, diferiam bastante dos outros grupos étnicos que nelas já se encontravam — os “bugres”, os negros, os mestiços e os portugueses e seus descendentes.

¹³ Referência de Pellanda (apud Sperb, 1995, p.26) ao salientar que a vinda de alemães era reconhecida como de utilidade pública para o Império.

nativas por exóticas, ou o sacrifício de animais nativos, essa não era a visão desses primeiros tempos da colonização¹⁴. A autora defrontou-se com discursos que representam os imigrantes alemães como trabalhadores, ordeiros, desbravadores, empreendedores, civilizados e amantes da natureza, em função da riqueza dos pomares e jardins que ainda hoje usualmente circundam suas casas. Seu trabalho não visou contestar tais representações e, muito menos, buscar substituí-las por outras, que tenha eleito, ao longo de seu trabalho, como mais “fíéis” ou adequadas à apresentação desse grupo de sujeitos e das suas ações¹⁵.

Refiro, ainda, mais dois estudos que também têm uma forte ênfase nas retrospectivas históricas – a dissertação de Leandro Belinaso Guimarães, que discute a emergência da Educação Ambiental no Rio Grande do Sul, o caráter educativo presente em ações e lutas travadas em torno dessa temática, antes da década de setenta (que incluem questões ligadas à religião e ao “nacionalismo”) e que aponta, ainda, a multiplicidade de movimentos e compreensões incluídas sob tal denominação e a tese de doutorado da professora Marise Amaral, que está examinando representações de natureza contidas nos relatos dos viajantes-naturalistas, que percorreram o Rio Grande do Sul no século XIX. Não apresento informações mais detidas sobre esses trabalhos, em função das dimensões que esse texto já alcançou e porque me interessa referir, ao finalizá-lo, aquilo que de certo modo alinhava as relações existentes entre esses trabalhos e, deles, com a educação ambiental. Buscamos transitar em algumas produções culturais e configurações sociais detendo-nos no exame de como nelas se constroem representações sobre a natureza e atentando para como essas representações operam na instituição/definição/reprodução/ divulgação de formas e procedimentos que acabam sendo naturalizados e não mais questionados pelos grupos sociais. Parece-nos, igualmente, importante, empreender estudos que contemplem as radicais transformações efetuadas na produção de subjetividades pelas novas mídias, tal como destaca Silva (1996), posto que esses espaços lidam com formas

¹⁴ Ela ressalta, ainda, que os problemas que hoje afetam essa região são de outra ordem, mas igualmente importantes. o crescimento rápido e desordenado da região fez do rio (principalmente no começo da industrialização) o destino final de uma série de rejeitos domésticos e industriais, mesmo que, mais recentemente, algumas conquistas em prol do ambiente já tenham sido alcançadas.

¹⁵ A autora atentou, também para o registro de algumas situações conflitantes, que registram a inexistência de uma visão homogênea que possa ser usada para caracterizar o pensamento de grupos sociais.

importantes de conhecimento e de saber que estão moldando e formando novas formas de existência e sociabilidade.

Certamente nossos estudos não se incluem no que tem sido usualmente examinado nas investigações conduzidas em educação ambiental, embora acreditemos que eles dizem respeito a ela, ou que, pelo menos, eles são atravessados por problemáticas e asserções que interessam à educação ambiental. Nossa contribuição volta-se a essa intenção. Queremos marcar que o campo pedagógico extrapola os muros das instituições formais de escolarização e, também, a instância dos movimentos sociais. Apesar de não sermos vinculados a correntes teóricas que assumem uma visão radical sobre a influência que as mídias têm sobre os sujeitos¹⁶, e que também não assumamos visões que buscam encontrar na história as origens, ou as causas, das quais derivam posições e ações na contemporaneidade, consideramos que, tanto as mídias, quanto as tradições atuam, mesmo sem serem forças unidirecionais ou mais determinantes do que outras, na moldagem de comportamentos e na regulação das identidades. Como salienta Silva (1999) a partir da “virada cultural” estabeleceu-se uma equivalência entre a multiplicidade de instâncias, instituições e processos culturais de que dispomos (televisão, publicidade, livros de ficção, turismo, filmes, exposições de museus, entre outras), que se estende à educação e, que ao mesmo tempo, nos permite considerá-las como pedagogias culturais.

Referências bibliográficas

AMARAL, M. B. *Representações de natureza na educação pela mídia*. Dissertação. (Mestrado). UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Educação. 1997.

_____. *Histórias de viagem e produção cultural da natureza*. A paisagem do Rio Grande do Sul segundo viajantes estrangeiros do século XIX. Proposta de Tese. UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Educação. (Defendida e aprovada em 10 de maio de 2001).

BRAUN, M. C. *Do vale das matas nativas ao vale do progresso - um estudo sobre as representações de ambiente em comunidade de imigrantes alemães*. Dissertação (Mestrado). UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Educação. 1999.

¹⁶ Estamos atentos, por exemplo, às discussões conduzidas sobre intertextualidade.

FERREIRA, M. *O cotidiano, o meio ambiente e o nacionalismo constituindo as ações educativas de uma empresa estatal*. Dissertação (Mestrado). UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2001.

GUIMARÃES, L. B. *O educativo nas ações, lutas e movimentos de defesa ambiental: uma história de descontinuidades*. Dissertação (Mestrado). 1998. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação.

HALL, S. The work of representation. IN: HALL, S. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/The Open University, 1997.

KINDEL, E. A. I. *A Disney produzindo a natureza nos filmes infantis onde a natureza é o cenário*. Programa e Caderno de Resumos. IV Jornadas Latino-americanas de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia. Campinas: UNICAMP, 2000.

SILVA, T. T. *O currículo como fetiche*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. *Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política*. Petrópolis: Vozes, 1996.

STRELOW-LIMA, I. *Colonizar para conhecer- conhecer para colonizar*. A autenticidade da natureza no discurso do Ecoturismo. (Dissertação de mestrado). UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2000.

WORTMANN, M.L. C. Da inexistência de um discurso unitário para falar da natureza *na Escola*. In: SCHMIT, S. (Org.). *Educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

WORTMANN, M. L. C. e BRAUN, M. C. A importância da cultura na produção das representações: a construção da natureza na história da ambientação de um grupo étnico no sul do Brasil. In: BARCELLOS, V., NOAL, F., REIGOTA, M. (Organizadores). *Educação ambiental e cidadania - diálogos, olhares e cenários brasileiros*. Editora EDUNISC (no prelo).